

DISCURSOS SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE E ETNIA NA ESCOLA: AÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DO PIBID DE LÍNGUA PORTUGUESA

Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares; Ana Maria de Carvalho; Lívia Maria Pereira da Silva;
Sara Paula de Lima Morais Silva.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

E-mail.: luciahelenamct@hotmail.com; Carvalhoana1@hotmail.com; liviampsilva@gmail.com; sarabela@uol.com.br

Resumo

Este trabalho está vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência – PIBID, ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC e à linha de pesquisa *Estudo dos processos de produção identitária de modos de subjetivação na contemporaneidade*, do Grupo de Estudos do Discurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – GEDUERN. Trata-se aqui de uma investigação sobre as diversidades de identidades e como a escola trabalha essas diferenças. Questiona-se, então, “Como se materializam, na escola, os discursos sobre as diversidades dos sujeitos sociais? De que forma os discursos sobre a violência contra a mulher, as relações de gênero, a homossexualidade, as diferenças raciais podem ser trabalhados no ambiente escolar?” Para melhor traçar o percurso da investigação pretendida, com este trabalho, se objetiva analisar os discursos sobre as diversidades identitárias na escola e ainda averiguar a viabilização de ações de incentivo à igualdade de gêneros e raça na sociedade, mais especificamente, na escola. Por meio de ações da equipe PIBID, a temática em questão foi trabalhada através de discussões, debates, produções escritas, encenações, as quais são analisadas à luz das teorias de Foucault (1970; 1988) e também com base em documentos norteadores como os PCNs – Temas transversais (1997) e os Cadernos SECAD (2007). Espera-se que, entre os resultados obtidos, reconheçam-se os papéis da escola na constituição de identidades, no incentivo ao respeito às diferenças, como também nas práticas discursivas que inovam e representam a fragmentação dos sujeitos sociais na contemporaneidade.

Palavras-chave: Discurso, gênero, sexualidade, escola, PIBID.

Introdução

Justifica-se aqui a necessidade de um trabalho escolar que aborde as diferenças e desigualdades de gênero, no sentido de combatê-las ensinando o respeito ao próximo. Diante de pesquisas realizadas em projetos PIBIC no ano de 2016, percebeu-se que os professores apresentavam grande dificuldade em trabalhar gênero e sexualidade na escola, em parte porque o material didático utilizado nas instituições de ensino praticamente não trazia discursos sobre as minorias, seja de gênero, sexo ou etnia, o que fez despertar para uma ação conjunta com o projeto PIBID Língua Portuguesa, no sentido de criar ações de intervenção nesse contexto escolar. Diante disso, se resolveu prosseguir com a pesquisa ampliando-a de forma a atingir toda a comunidade escolar, por meio de atividades que envolvessem análise de textos e vídeos disponíveis na mídia, produção textual dos alunos, encenações, apresentações musicais, entre outros, com o intuito de conscientizar os jovens sobre as diferenças identitárias, prevenindo e coibindo ações de *bullying* e

violência. Para isso, contamos com a contribuição de professores/as supervisores/as do PIBID e das escolas parceiras, onde trabalham. É relevante que, diante da realidade pesquisada, se desperte para as relações de saber/poder e para os modos sobre como se constituem as identidades de gênero na escola e na sociedade.

Nas sociedades contemporâneas, as quais se apresentam em constantes movências, circulam as práticas discursivas que formam/transformam os sujeitos e que constroem historicamente os sentidos. Mas, em meio a essas transformações, muitos aspectos parecem permanecer estacionados ou pelo menos parecem caminhar a passos lentos. Alguns desses aspectos dizem respeito à violência contra a mulher, à homofobia, ao preconceito racial, por exemplo.

Com foco nessa temática e com um olhar direcionado ao ambiente escolar, este trabalho de pesquisa traz as seguintes questões: “Como se materializam, na escola, os discursos sobre as diversidades dos sujeitos sociais? Como as questões de gênero, sexualidade e etnia são tratadas no ambiente escolar? De que forma os discursos sobre a violência contra a mulher, as relações de gêneros, a homossexualidade, as diferenças raciais podem ser trabalhados no ambiente escolar?” Para responder a esses questionamentos, procurou-se analisar os discursos sobre as diversidades identitárias na escola e ainda viabilizar ações de incentivo à igualdade de gêneros e raça na sociedade, mais especificamente, na escola. Os estudos teóricos se dão a partir da vertente da Análise do Discurso de tradição francesa com os conceitos foucaultianos sobre práticas discursivas, sujeito, relações de poder e memória discursiva, além dos estudos históricos que envolvem essa concepção de gênero social.

E quanto ao que está relacionado ao discurso sobre gênero e sexualidade, o controle, a seleção são redobrados, pois os “perigos” devem ser evitados. Essa interdição leva ao silenciamento, ao apagamento, ao esquecimento. Orlandi (2007, p.76) ressalta que “proíbem-se certas palavras para se proibir certos sentidos”. Sobre isso Foucault (1970, p. 08-09) pontua dizendo que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Falar sobre o corpo, sobre os desejos, sobre o sexo, na escola, ainda é perigoso. Daí as aprovações, reprovações na tentativa de disciplinar esses atores sociais. É comum aparecerem, nos discursos escolares, vestígios de memória de uma sociedade patriarcal que ainda precisam ser combatidos.

O homem (branco, hétero, rico), por muito tempo, teve o poder da morte e da vida, principalmente se se referia aos filhos, esposa ou escravos. Em épocas passadas, o soberano decidia sobre a vida ou a morte de seus súditos, exercendo então “seu direito sobre a vida, exercendo seu direito de matar ou contendo-o; só marca seu poder sobre a vida pela morte quem tem condições de exigir” (FOUCAULT, 1988, p. 148). Esse mecanismo de poder se transforma a partir da época clássica, quando surgem, então, outros meios de controle e vigilância. No entanto, mesmo na contemporaneidade, esse “direito de matar” ou “deixar viver” parece persistir nas atitudes de muitos homens. Basta ler ou assistir aos jornais para identificar os casos de estupros, agressões e homicídios, tendo como vítimas mulheres, negros e homossexuais. Numa sociedade machista, cheia de costumes patriarcais, como a que vivemos, a luta em defesa da igualdade entre os sujeitos parece não ter fim. Daí a necessidade de um trabalho que leve nossos jovens a refletirem sobre o seu Eu e o Outro.

Metodologia

A pesquisa em questão, pautada no método arqueogenealógico de Foucault, envolve análise de materiais didático-pedagógicos e de produções escolares de atividades realizadas, junto à equipe PIBID, nas escolas parceiras. Quanto à geração dos dados, esta se configura como uma pesquisa qualitativa, sendo que esse tipo de pesquisa se preocupa em “estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (GODOY, 1995, p.21), o que leva a uma abordagem interpretativista dos dados. Apresentando-se ainda como uma ação de intervenção na escola, a pesquisa em questão envolve uma interação entre os pesquisadores e os sujeitos pesquisados.

Na tentativa de responder as questões de pesquisa e na busca de atingir os objetivos propostos, a execução do projeto foi dividida em algumas etapas, descritas a seguir:

Estudos bibliográficos: reuniões sistemáticas para a realização de leituras e discussões sobre os textos lidos. Esses estudos se diversificaram entre as teorias foucaultianas, os estudos culturais, a história da sexualidade, da mulher e da dominação masculina, os estudos sobre memória e linguagem. Essas leituras se deram entre a pesquisadora, os/as alunos/as bolsistas de iniciação científica e a equipe PIBID.

Cenário e sujeitos da pesquisa: as escolas selecionadas para a intervenção são escolas da rede estadual de ensino médio, parceiras do projeto PIBID, em que os/as professores/as supervisore/as

do PIBID atuam também como colaboradores e participantes da pesquisa. O fato de recorrermos para a execução dos projetos em escolas estaduais e não municipais se dá pela faixa etária dos alunos, como também pela maior liberdade de trabalho encontrada nessas escolas, já que, na cidade de Mossoró-RN, há uma lei municipal, mais especificamente a Lei nº 3.290/2015, que proíbe o trabalho com gênero e sexualidade nas escolas do município.

Instrumentos da Pesquisa: com a colaboração dos/as professores/as supervisores/as PIBID, foram ministradas oficinas com atividades partindo de gêneros discursivos diversificados, como propagandas, notícias, charges, crônicas, os quais abordam a violência contra a mulher, as relações de gênero, a homofobia, o preconceito contra o negro e o velho, no sentido de fazer o aluno ler, observar, interpretar e escrever sobre as temáticas apresentadas, por meio desses gêneros. A culminância desse projeto nas escolas se deu por meio de um evento artístico-cultural, envolvendo encenações, declamações, música e dança. Além das produções escritas dos alunos, foram coletadas imagens desses eventos para análise.

Resultados e Discussão

Diante do exposto, torna-se, então, necessário estudar - na materialidade do arquivo constituído durante a execução das atividades - os mecanismos de poder (que envolvem as constituições identitárias, as relações de gênero e a sexualidade) e os dispositivos disciplinares (que controlam o fazer e o dizer de uma sociedade).

Trabalhando com a formação inicial (bolsistas PIBID – alunas e alunos do curso de Letras) e a formação continuada (professores/as supervisores/as do ensino público), foram desenvolvidas variadas atividades na escola, as quais envolvem debates, oficinas de textos, encenações, como pode ser observado nas imagens a seguir:

Imagem 1- Parte de convite para evento



(Fonte: Acervo PIBID/UERN/Língua Portuguesa)

Imagem 2 - Encenação



(Fonte: Acervo PIBID/UERN/Língua Portuguesa)

Imagem 3 - Banner



(Fonte: Acervo PIBID/UERN/Língua Portuguesa)

Imagem 4 - Cartazes



(Fonte: Acervo PIBID/UERN/Língua Portuguesa)

Segundo Lins, Machado e Escoura (2016, p. 54), “um dos aspectos que sobressaem nas questões de gênero é a violência”. Essa violência, que não se dá somente de forma física, mas também por meio de agressões verbais, ao denegrir alguém por causa do gênero, da orientação sexual ou da cor de sua pele, pode e deve ser discutida na escola, para que assim se possa refletir sobre os problemas que atingem vários de nossos alunos, professores e gestores. E é com o intuito de coibir atos de violência como esses entre os jovens e estimular o respeito ao outro que o projeto sobre diversidades na escola tomou esse formato.

Sabemos que nem todas as mulheres nem todos os homens são iguais entre si. Há muitas nuances entre as feminilidades e as masculinidades, e há muitas possibilidades de existência para sermos humanos. Entretanto, vivemos em uma cultura que às vezes tem dificuldade de reconhecer e valorizar determinados tipos de diferença. Por mais que saibamos que a diversidade existe, é como se, em nossa visão de mundo, alguns tipos de existência fossem mais “certos” que outros (LINS, MACHADO e ESCOURA, 2016, p. 68).

É tentando focar essas diferenças, que este trabalho, de forma inovadora, se realiza nas escolas, graças à intervenção do PIBID, uma vez que, por meio das ações desse projeto, os professores são mais preparados e estimulados na execução das atividades. Trabalhando as diferenças e incentivando a aceitação do outro como ele é, o respeito pode ser disseminado e os problemas escolares, como o *bullying* e a evasão, amenizados.

Conclusões

Diante do exposto e seguindo por um percurso que tem como objetivo promover a visibilidade das minorias, garantindo-lhes o direito à educação, pode-se dizer que, “para que a perspectiva de gênero se torne transversal nas políticas públicas, [...] na área da Educação,

especificamente, é necessário que o olhar de gênero seja incorporado pelos/as de gestores/as públicos/as em seus projetos e atividades” (CADERNOS SECAD, 2007, p. 58).

Nesse sentido, por meio deste trabalho de pesquisa, busca-se averiguar a viabilização de ações de incentivo à igualdade de gêneros na sociedade, mais especificamente, na escola. Com isso, procura-se também reconhecer o papel da escola na constituição de identidades de gêneros, pois, com as novas políticas públicas, nasce o desejo de uma nova história, de um novo retrato feminino, de um novo comportamento masculino, de novas identidades de gênero. E, nesse sentido, a escola precisa estar envolvida, ajudando a desmistificar atitudes que a sociedade cristalizou, como “isso é coisa de homem / isso é coisa de mulher”, pois é nesse ambiente escolar que as crianças e os jovens passam boa parte do dia. A escola é e deve ser um ambiente formador de opinião, onde as pessoas devem ser educadas, devem aprender a disciplina tão essencial, não só para a escola, mas também para a vida.

Pode-se ver, então, o quão importante é o espaço escolar, pois é nele que se formam e se transformam as identidades. Adquirindo o saber, conseqüentemente, os sujeitos tem acesso ao poder de fazer suas escolhas, de construir a sua história, de ser feliz.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD/MEC. HENRIQUES, Ricardo, et al. (Orgs.). **Cadernos SECAD: Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília: SECAD/MEC, n. 4, maio 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1970.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. 16. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. (vol. 1).

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 03, maio/junho de 1995, p. 20-29. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75901995000300004&script=sci_pdf&tlng=pt> Acesso: 18 mar. 2014.

LINS, Beatriz A., MACHADO, Bernardo F., ESCOURA, Michelle. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Reviravolta, 2016.

ORLANDI, Eni. P. **As formas do silêncio: nos movimentos dos sentidos**. 6. ed., Campinas-SP: Contexto, 2007.